

RN

De Manhet

Barbas, bigodes, cabelos

M 710

Sábado, 25 de Maio de 1957

RUBEM BRAGA

CABELOS

A única novidade considerável, meu velho, é que nosso amigo Paulo Mendes Campos raspou a cabeça com máquina zero; disse que não o fez para imitar nenhum galã, mas por simples tédio aos próprios cabelos — «assim ninguém me aborrece mais dizendo que ando sempre despenteado». E' o que se chama um extremista.

Na Itália, durante a guerra, Barreto Leite me chamou a atenção para alguns oficiais ingleses: eles procuravam superar o suportável tédio de cinco anos de guerra criando ou suprimindo bigodes, inventando suíças e andós, raspando a cabeça ou cultivando cabeleiras. Aquela mistura de extravagância e fleugma dava a medida do quanto eles estavam «cheios» de uma guerra que todavia se dispunham a sustentar indefinidamente. Em nossas revoluções brasileiras o costume é o soldado deixar crescer grandes barbas para assumir ares mais ferozes ou heróicos. Na FEB não houve isso: o comando exigia o corte de cabelos padronizado pelo Regimento Sampaio — uma espécie de «Príncipe Danilo» mas curto — e proibia os bigodes, pelo menos aos pracinhas; e todo mundo, mesmo na linha de frente, estava tanto quanto possível bem escanhoado.

Barbas hoje pouca gente usa, e quase sempre quem usa é para dar força a uma cara excessivamente delicada ou esconder alguma cicatriz ou defeito; só uma pequena minoria dos barbudos o é por extravagância ou tendência romântica. Os bigodes é que resistem mais. São eles um mal que a gente contrai na primeira juventude; se esse mal não é cortado a tempo o remédio é aguentá-lo até o fim da vida, pois a certa altura não é mais possível mudar de cara.

Que a cara vá mudando sozinha; os ignóveis bigodes começam a embranquecer, e o que era enfeito passa a ser enfeio. Não vos embigodeis, môços! — é o que vos aconselha este quarentão com a autoridade de seus pêlos grisalhos.

Tenho notado que as damas, quando em crise sentimental, tendem a alterar a cabeça; o primeiro local visitado por uma senhora ao se separar do marido é o salão de beleza. Tanto o «Renault do Copacabana» como o mais modesto cabeleireiro de subúrbio sabe que a melhor maneira de cortar um romance é cortar os cabelos, e que não é impunemente que uma senhora morena resolve entardecer loura, ou uma jovem súbitamente descobre que «essas sobrancêlhas estão horrosas». O psicanalista costuma ser procurado um, dois anos depois do desquite, mas o cabeleireiro é na hora. Mudar de cara é mais urgente que de alma — confessou-me, com leve cinismo e funda melancolia, uma velha amiga.

Será, pelo menos, mais fácil; mas a conversa está ficando triste, e o côco rapado do Paulinho não merece tanto.

vamos parar por aqui.

mais/

b/

cinquentas

no,

Juntam-se, os jovens barbudos, quase sempre no Castelinho.